

latitudes V

UT Austin + FAUUSP

Angelo Bucci
2015

Há contextos em que as instituições são tão sólidas que a tradição parece surgir já no início, como um sinal de nascença, em certas iniciativas. Enquanto naqueles onde as instituições são frágeis dá-se o oposto, aqui as iniciativas nascem como se fossem marcadas para morrer. Neste segundo grupo, são tão raros os casos em que elas perduram que nem chegamos a compreender a razão pela qual, raramente, superam heroicamente os inúmeros obstáculos para alcançar certo grau de consenso de confiabilidade firmando-se como tradição.

As universidades norte-americanas tendem ao primeiro grupo. O Congresso Latitudes, concebido pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Texas em Austin — UT Austin —, como uma série de conferências que tinha uma ambição clara: mais que juntar um grupo de conferencistas, seu propósito principal era incrementar os laços culturais entre diferentes regiões, tipicamente representadas por distintas latitudes do continente americano. De fato, a história daquela destacada universidade pública, fundada em 1883 [a Faculdade de Arquitetura iniciaria em 1910] aliada a sua emblemática localização geográfica, justo na linha de fronteira entre certas ‘duas américas’, autorizam e legitimam a sua ambição. Mais que isso, o fato de que aquela instituição tenha se mostrado capaz de ver a linha de fronteira pela chave da riqueza cultural e não do conflito, aliado à capacidade de orientar seu foco de interesse com o objetivo de tomar aquela linha de borda como campo de possibilidades de conexões culturais em oposição ao seu sentido, político e econômico, de barreira; enfim assumi-lo como palco possível de um profícuo diálogo, são evidências que sinalizam uma postura corajosa. Não é por acaso que ali se forjaram as condições para que a surgisse a proposta das Conferências Latitudes. A UT Austin tem se mostrado apta a desenhar, como um projeto, o seu papel no cenário cultural. Esta capacidade não é nada simples de ser conquistada, mas é pré-requisito crucial para qualquer escola de arquitetura que tenha a intenção de ocupar uma posição relevante no campo da cultura considerando a agenda atual da atividade.

A sequência das conferências demonstra consciência e clareza no desenho inicial: depois das quatro primeiras edições, realizadas todas em Austin, Texas; o 5º Latitudes aconteceria, pela primeira vez, fora daquele país inaugurando uma nova fase do evento. A partir de então, o plano seria alternar Austin e outro país ou região.

Por que a FAUUSP?

A resposta que segue tem uma perspectiva baseada na FAUUSP, no entanto ela se fez em alguma medida familiarizada com a UT Austin. O que confere um sopro de vida às instituições, evidentemente, são as pessoas. São elas quem falam, ensinam, estudam, reúnem-se, viajam, enfim compartilham ideias e trabalhos. É através delas que a instituição se personifica para, por exemplo, estabelecer uma relação confiável e humana entre duas escolas como se fossem dois sujeitos. A resposta mais imediata pode ser feita considerando a dimensão destas relações. Um olhar retrospectivo ilustra como, no exemplo deste caso particular, isso se constrói:

[1] Barbara Hoidn veio à FAUUSP, pela primeira vez, em 2006, quando nos encontramos brevemente; [2] No ano seguinte, eu faria uma palestra na UT Austin; [3] Em 2008, Kevin Alter, então diretor da Escola de Arquitetura da UT Austin, veio ao Brasil para visitar duas obras de arquitetura [uma delas de minha autoria] para escrever um artigo para a publicação ‘Brazil: House in Santa Teresa and Rio Bonito’, editado por Barbara

e Kevin; [4] Em 2009, voltei a Austin como palestrante para a primeira edição da Série de Conferências Latitudes; [5] Então, em 2010, voltei a Austin como professor visitante por um semestre quando ocorreu Latitudes 2; [6] Finalmente, em 2012, retornei a Austin como mediador do Latitudes 4, além disso, naquela mesma ocasião ocorreu o lançamento da publicação em inglês pela UT Austin do meu trabalho de doutorado, mais uma vez pelo empenho de Barbara Hoidn e Kevin Alter. Foi precisamente naquela ocasião, durante a realização do Latitudes 4, que se iniciou os planos para a realização do Latitudes 5 na FAUUSP em São Paulo. Além de Barbara, Kevin e Wilfried Wang, a ideia foi formalmente apresentada por Frederick Steiner, Dean da UT Austin. Também estavam naquela reunião Coleman Cocker, Fernando Lara e Carlos Jimenez. Assim que voltei a São Paulo, a proposta foi apresentada à direção da FAU USP e foi muito bem recebida por Marcelo Romero, então diretor. O apoio e orientação de Maria Cristina Leme, vice-diretora na ocasião, foram decisivos para que em 2013 o Latitudes 5 pudesse se realizar na FAU USP nas melhores condições possíveis. De fato, o evento não teria sido possível sem o seu apoio e comprometimento. Afinal a organização do evento pela FAU USP ficou a cargo, além de mim, de Maria Cristina Leme e Juliana Braga, então cursando o doutorado. Pela UT Austin, Barbara Hoidn estava encarregada de toda a organização e interlocução.

O evento foi patrocinado pela duas instituições.

Além do apoio institucional, professores e estudantes aderiram com todo entusiasmo à ideia de realização do evento. Ou seja, viu-se ali a oportunidade e valorizou-se a rara possibilidade de reunirmos, num único evento, um grupo internacional de arquitetos renomados para uma sequência de palestras concentradas em dois dias de evento. O engajamento dos professores e estudantes da casa pode ser verificado na participação formal no evento para apresentar, mediar ou comentar: Alvaro Puntoni, Eduardo de Almeida, Luis Antonio Jorge, Antonio Carlos Barossi, Monica Junqueira e Marcos Acayaba compuseram as mesas. Além deles, contou-se com a participação de professores de outras escolas de arquitetura no Brasil: Carlos Eduardo Comas e Renato Anelli. Valeria Fialho, diretora da Escola de Arquitetura SENAC, teve uma destacada participação pessoal e decisivo apoio institucional.

Assim, a escolha da FAUUSP era previsível, isso é, ela fazia sentido e, como se viu, estava de acordo com uma sequência de ações precedentes que sinalizavam um nítido interesse da UT Austin, que é demonstrado pelos fatos como viagens, convites, publicações, enfim, todas as ações visando o fortalecimento do intercâmbio e relacionamento com o Brasil e a crescente confiança na FAUUSP como instituição. Através das pessoas representando as duas instituições a FAUUSP fazia sentido na perspectiva da UT Austin, mas também se alinhava como um desdobramento positivo após uma sequência de intercâmbios acadêmicos pelo lado da nossa escola.

E a partir do ponto de vista da FAUUSP, porque receber Latitudes 5 em São Paulo?

Antes de tudo, como primeira razão, está a reconhecida excelência da UT Austin com a qual, sem dúvida, vale o intercâmbio de experiências e especialidades. Aquela escola de arquitetura tem sido considerada como as melhores nos Estados Unidos. Em 2012 o curso de graduação foi considerado o número 2 em todo o território americano, uma avaliação realmente notável sobretudo considerando-se que se trata de uma escola pública. Essa posição de destaque não surgiu recentemente, de fato veio muito antes. Há um episódio marcante que remonta à primeira metade da década de 1950 e que ilustra o pensamento de arquitetura forjado naquela escola ganhou notoriedade e se espalhou pelo mundo influenciando diversas escolas hoje todas muito destacadas. Foi quando o seu então diretor, o arquiteto Harwell Hamilton Harris, convidou a um grupo de jovens arquitetos para lecionar ali. Eram Bernhard Hoesli, Colin Rowe, John Hejduk entre outros. Bernard Hoesli seria quem, entre 1959 e 1984, definiu as bases do ensino de projeto na ETH de Zurique. Colin Rowe seria o responsável pelo ensino de teoria em Cornell, entre 1962 e 1990. Seus livros, como 'Collage City' ou 'The Mathematics of the Ideal Villa' influenciaria escolas de arquitetura em todo o mundo. John Hejduk, entre 1964 e 2000, se dedicaria a Cooper Union, célebre escola de arquitetura de Nova York. Foi seu notável diretor por 25 anos. Hejduk tornou-se uma das personalidades mais influentes no campo da arquitetura no contexto norte americano. Seus livros como 'Mask of Meduse' e 'Education of an Architect' são referências obrigatórias em qualquer escola naquele país. O trabalho desses três arquitetos, destacados aqui de um grupo

maior apenas como ilustração, e o papel crucial que teriam mais tarde em diferentes escolas é creditado àquele tempo juntos em Austin, tanto assim que mais tarde o grupo seria conhecido como “Texas Rangers”.

Uma segunda boa razão para a realização do evento na FAU é nos alinharmos com a orientação conferida ao Latitudes. O que equivale a defender a ideia de que a atividade da arquitetura — entenda-se o trabalho dos arquitetos que atualmente se dedicam a desenhar edifícios, que são os alvos de convite das conferências e quem fornecem a matéria prima para o debate, para se divisar os paradigmas atuais e para inter-relacionar contextos distintos e múltiplos nas américas — digo, a atividade da arquitetura pertence prioritariamente ao campo da cultura. O que equivale dizer que é necessário superar as barreiras estabelecidas por critérios econômicos que acabam por isolar países e regiões, a fim de tecer uma nova trama cultural que amplie as nossas possibilidades, vocabulário e repertório.

Além disso, receber o Latitudes 5 na FAU concorda com a política e esforço da USP pela internacionalização da instituição. É um objetivo pleno de significado, particularmente para esta escola cuja atividade foi tão duramente atingida por duas de ditadura [1964-1985] e desde então teve que lidar com um trágico legado, primeiro imerso num cenário de devastação cultural enfrentando a necessidade de recuperar uma plataforma mínima a fim de retomar a atividade e procurar restabelecer laços de diálogos e intercâmbios internacionais. É por isso que a tarefa da geração pós-ditadura incluía ampliar o campo de debate a fim de atualizar a teoria e a prática da sua atividade; fato atestado pelo seu claro engajamento acadêmico no ensino e pesquisa e na construção de um programa de intercâmbio internacional consistente, entre eles com notável interesse — porque sistematicamente negligenciado até tão recentemente — a América do Sul. Assim, finalmente é tempo, para a FAUUSP em particular e por razões similares, para a arquitetura brasileira enfrentar algo esperado e desafiador: superar os limites em que esteve isolada para testar num contexto mais abrangente, internacional, a sustentação dos seus conceitos e a validade dos seus próprios paradigmas. As conferências do Latitudes 5 não serão exatamente o palco deste diálogo, precisamente pelo fato de que ali nos caberá mais receber do que atuar, mais ouvir do que falar. De todo modo, sem dúvida, traz uma oportunidade necessária para ampliar nosso entendimento, para aprender como considerar razões e condições diferentes daquelas prevalecem em nossa própria prática. Aprender que distintas abordagens e paradigmas também têm validade. Em outras palavras, considerar que arquitetura pertence ao campo da cultura, que multiplicidade e variedade são positivas porque cada componente desta multiplicidade atua como um repositório de possibilidades para o outro no processo de elaboração de novas proposições arquitetônicas. Quero dizer, em arquitetura a diversidade cultural é algo a ser preservado e incrementado, pois enriquece nossa possibilidade de intercâmbio, amplia nosso campo de diálogo e, acima de tudo, mantém viva e sempre renovada a prática da arquitetura.

Por fim, a razão mais importante para recebermos o Latitude 5 na FAUUSP é que isso corresponde ao sopro de vida de uma escola: pessoas falando nos estúdios, classes ou nas rampas. Significa colocar o nosso esforço na parte viva de uma escola em vez de dispendir tanta energia com uma estrutura congelada. Significa entender que a coisa mais preciosa de uma escola é o grupo de pessoas que ela aglutina em convívio. UT Austin e USP juntas mostram o que é tão óbvio e tão frequentemente esquecido: todas as universidades coexistem no mundo como peças que compõem uma só instituição. Acredito que considerá-las assim, numa escala mundial, pode salvá-las das suas próprias idiossincrasias.

O fato de que cada um dos nosso conferencistas convidados tenha prontamente aceitado o convite enfatiza a ideia de que, de fato, participamos todos de uma mesma atividade. Meus sinceros agradecimentos a Smiljan Radic, Jean Pierre Crousse and Sandra Barclay; Camilo Restrepo; Luis Aldrete; Carlos Jimenez; Kevin Alter; Alexandre Brasil, Paula Zasnicoff Cardoso, Carlos Alberto Maciel and Bruno Santa Cecília; Billie Tsien and Tod Williams.